

Rischbieter

teme desordem generalizada

“A alta das taxas de juros a níveis nunca vistos poderá provocar uma desordem mundial maior que o primeiro ou o segundo choque do petróleo”, advertiu ontem o ex-ministro da Fazenda, Karlos Rischbieter, dizendo que “não há qualquer controle sobre a moeda e nenhuma lógica no mercado de câmbio mundial hoje”. Ao falar da corporação Bonfiglioli no encontro patrocinado pelo Instituto Brasileiro de Executivos Financeiros — IBEF —, Rischbieter garantiu que, “no atual quadro, nenhum país consegue rolar adequadamente a dívida”.

Para o ex-ministro, a única forma de enfrentar a situação, já que não se tem aliados na Europa, é do tipo “água mole em pedra dura” e sugeriu que o governo se divida em “setores que pedem e setores que xingam”. Rischbieter disse não acreditar em mudança do quadro macroeconômico interno no Brasil, “dentro das atuais condições internas e externas”.

Depois de lembrar a existência de dois Brasis, “o moderno e o que nem chegou ao estágio agrícola”, Rischbieter previu que o Brasil moderno exigirá em breve, providências e definição de regra econômica, como as tomadas em 1964-65, mas destacou que “a reordenação do sistema financeiro, que tem de ser feita por bancos, deverá ser negociada em aspecto bem mais amplo”, lembrando que em 1964 “as medidas foram praticamente impostas, com algum teatro. Ele disse que o Banco do Brasil não pode mais ser uma autoridade monetária e tem de se transformar em Banco Comercial”.

Revelando-se preocupado com o Brasil do século XXI, o ex-ministro disse que o mundo está vivendo uma transformação muito profunda, saindo da sociedade industrial e avançando “para uma sociedade que será muito mais software que hardware”, em que se destacarão a informática e a biotécnica. Rischbieter destacou que “o Brasil precisa logo descobrir o seu lugar para saber o que vai ser nesse mundo”.

PRIMEIRO MUNDO

O vice-presidente da Corporação Bonfiglioli, Paulo José Possas defendeu ontem, como única solução viável para rachar o bloco do Primeiro Mundo, uma negociação política com a França, Irlanda, Espanha, Grécia, que teria também o apoio da Suécia e Holanda. Possas lembrou que “não adianta juntar-se três ou quatro países subdesenvolvidos e reclamar do déficit norte-americano, porque isso depende do Congresso. É hora de perder as ilusões e entrar no que é prático”.

Possas considerou muito alto o custo do superávit brasileiro, dizendo que poderíamos “ter crescido pouco no ano passado, com um superávit menor, que, no todo, estariamos um pouco melhor”.